



## **Guita Grin Debert e a importância de pensar sobre o cuidado**

Lissia Stinghen Chagas<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como interesse de pesquisa o tema cuidado e seus desdobramentos familiares, sociais, geracionais, políticos, culturais e econômicos, utilizando como fontes as produções intelectuais da antropóloga e referência do tema velhice no Brasil, Dra. Guita Grin Debert, professora emérita da Unicamp. Partindo de uma pesquisa de mestrado que busca investigar a escrita feminista sobre mulheres e velhice de Guita Debert, o presente trabalho pretende compreender o que a antropóloga enuncia como cuidado e quais conexões com o tema ela apresenta, tendo como base de análise 3 artigos publicados ao longo de quase duas décadas: *Arenas de conflito em torno do cuidado* (TEMPO SOCIAL, 2014), *Desafios do Cuidado* (UNICAMP, 2019), *A invisibilidade do cuidado e os direitos do cuidador* (REVISTA COLETIVA FUNDAJ, 2021). O aumento da população idosa e o declínio da estrutura familiar tradicional mostram a urgência da resignificação do cuidado em todas as suas esferas. A velhice, enquanto objeto de pesquisa, continua inexplorada pela Antropologia, pela Sociologia e principalmente pela História, e Guita, com seu interesse inovador em estudar tal tema, se manifesta interdisciplinarmente como uma importante pensadora do assunto.

**Palavras-chave:** Cuidado; Velhice; Família; Antropologia; Idoso.

A trajetória da antropóloga brasileira Guita Grin Debert é marcada por pesquisas sobre temas pioneiros realizadas por ela desde a década de 1980. Graduada na Universidade de São Paulo (USP) no curso de ciências sociais, ingressou no ensino superior em pleno regime militar ditatorial no Brasil (1964-1985), no ano de 1968, com então 20 anos. Após a conclusão de seu mestrado (1977) e de seu doutorado (1986), ambos pela mesma instituição, a antropóloga que até então lecionava na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), ingressou para o corpo docente da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) onde iniciou seus primeiros estudos acerca da velhice e dos processos de envelhecimento no Brasil como integrante do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Com um pouco mais de 40 anos de carreira, Debert fez 5 pós-doutorados<sup>2</sup> e foi contemplada por prêmios importantes como o Jabuti, em 2000, na categoria ciências humanas e educação com o livro *A*

---

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, na linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História, sob orientação da professora Dra. Ana Paula Vosne Martins. E-mail: [lissia.chagas@ufpr.br](mailto:lissia.chagas@ufpr.br)

<sup>2</sup>University of California System, US, 1990; University of Teesside, UK, 1995; Universidade Estadual de Campinas, BR, 1997; University of Colorado, US, 1999; Universidade de Lisboa, PO, 1999. (Informações disponíveis em <http://lattes.cnpq.br/7900329420425065>. Acesso em 26/11/2023).



*Reinvenção da Velhice* (1999), o Zeferino Vaz, em 2002, como docente e pesquisadora destaque da Unicamp e a medalha Roquete Pinto, em 2020, por sua contribuição à antropologia brasileira. Em 2022 foi nomeada professora emérita da Unicamp, onde leciona desde 1986. Além disso, essa intelectual foi uma das responsáveis pela criação e instituição do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, na mesma universidade, em 1993.

A intelectual é reconhecida nacional e internacionalmente pelo seu aprofundamento antropológico nos estudos sobre velhice e envelhecimento no Brasil e seu engajamento feminista no interior da universidade, tendo em vista que integra a primeira geração de professoras de gênero no ensino superior e a segunda geração de professoras universitárias no país. Seu olhar visionário sobre a mudança demográfica que estava começando a surgir - através do iminente crescimento da população idosa e da diminuição das taxas de natalidade - em uma época em que os problemas sociais giravam ao redor da erradicação da fome infantil, num recém democratizado Brasil da década de 1980, fez com que hoje, onde o envelhecimento é de fato um problema multidirecional, existam políticas públicas efetivas que promovem os direitos e deveres da faixa da população com 60 anos ou mais.

Sua pesquisa inicial sobre o tema é datada de 1984, onde, movida por sua curiosidade antropológica, procurou compreender as experiências de mulheres da classe média de São Paulo quando seus maridos se aposentavam e seus papéis como cuidadoras principais dos filhos deixava de ser necessário (DOLL, 2005, p.101). Para isso, realizou entrevistas com 8 mulheres transeuntes de um parque da capital e o resultado dessa pesquisa inicial foi publicado como *História de vida e experiência de envelhecimento para mulheres de classe média no estado de São Paulo*, no mesmo ano. Esta pequena pesquisa foi responsável por inseri-la numa já aquecida discussão sobre o tema em âmbitos internacionais. Quando no Brasil em uma palestra sobre História de Vida promovida pela socióloga brasileira Eva Blay (1937-), a socióloga francesa, especialista nos estudos da velhice naquele país, Anne-Marie Guillemard (1942-), perguntou à antropóloga e ex orientadora de mestrado e doutorado de Guita, Ruth Cardoso (1930-2008), se havia alguém no país estudando velhice para participar de um congresso internacional sobre o tema no México. Desde então e repentinamente, Guita dedicou-se ao aprofundamento do assunto e tornou-se referência nestes estudos.

Em 1999, seu livro *A Reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento* foi publicado pela editora EDUSP. Fruto de 10 anos de pesquisa sobre o tema, ele tem como prerrogativa fazer uma etnografia da construção social da



velhice no Brasil, permeando para tal o Estado, a medicina, a sociedade de consumo, a família, as instituições públicas e privadas e os próprios idosos. Renunciando aos pressupostos eurocêntricos para tal, hoje, atravessada pelo seu objeto de estudo, Guita debruça-se sobre temas urgentes e, de maneira semelhante as análises sobre velhice, inovadores e pioneiros como o cuidado e seus reflexos sociais, políticos, econômicos e culturais numa sociedade com cada vez mais idosos.

Partindo da minha pesquisa de mestrado- que se dedica a compreender a escrita antropológica feminista de Guita Grin Debert sobre mulheres e velhice através da problemática: de que maneira as subjetividades da *persona* Guita Grin Debert (professora, pesquisadora, mãe, esposa, amiga, feminista, orientadora, escritora, filha, irmã) estão expressas em sua escrita antropológica feminista sobre mulher e velhice?- este trabalho tem como intuito compreender o que a autora enuncia como cuidado e quais conexões com o tema ela apresenta, estabelecendo para tanto a leitura de suas publicações mais recentes, aumentando assim minha inteligibilidade sobre sua subjetividade enquanto intelectual da antropologia.

Para tanto, selecionei três artigos publicados por ela na última década, estabelecendo como critério os que tem como problemática central o cuidado com a população idosa na perspectiva do aumento da população idosa e do declínio da estrutura familiar tradicional. São eles: *Arenas de conflito em torno do cuidado* (TEMPO SOCIAL, 2014). *Desafios do Cuidado* (UNICAMP, 2019), *A invisibilidade do cuidado e os direitos do cuidador* (REVISTA COLETIVA FUNDAJ, 2021).

Em recente entrevista concedida à Ana Paula Orlandi para a Revista Pesquisa FAPESP sobre as várias fases do feminino, Guita é questionada sobre o que está pesquisando ultimamente, no que responde que desde 2012 está em um projeto internacional chamado *Who cares? Rebuilding care in a post-pandemic world*<sup>3</sup>, que é apoiado pela FAPESP (Fundação de amparo à pesquisa do Estado de São Paulo), entre outras instituições, e coordenado por Nadya Araújo Guimarães, do Departamento de Sociologia da USP e pesquisadora do Cebrap (Centro brasileiro de análise e planejamento) como uma das responsáveis pelas análises acerca do cuidado de idosos no contexto antes, durante e depois da pandemia de Covid-19. Além disso, a antropóloga também tem uma pesquisa financiada

---

<sup>3</sup>Em tradução livre: *Quem se importa? Reconstruindo o cuidado em um mundo pós-pandêmico.*



pelo CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico] intitulado *Velhice e a responsabilidade familiar*.

Contemplada pelo programa *Erasmus Mundus* em 2012, financiado pela União Europeia, Guita fez uma especialização em estudos de gênero na Universidade de Bolonha (Itália), onde também ministrou algumas aulas e realizou uma pesquisa de campo na região com a ideia de analisar as mulheres que saíam do Peru e do Equador para cuidar de idosos na Itália.

Mas quando cheguei lá percebi que o maior fluxo dessas trabalhadoras vinha do Leste Europeu, da antiga União Soviética, sobretudo da Moldávia. Eram mulheres muito qualificadas profissionalmente, formadas em cursos como engenharia. Mas, como ganhavam pouco onde viviam, migravam para a Itália em busca de melhores salários. Venho pesquisando as questões de cuidado desde então. (REVISTA PEQUISA FAPESP, edição 331, set. 2023, p. 23-27).

Essa pesquisa resultou em um artigo intitulado *Arenas de conflito em torno do cuidado*, onde a antropóloga utiliza como referencial conceitual e teórico o estudo de Pascale Molinier, psicóloga francesa, intitulado *Cuidado, interseccionalidade e feminismo*, de 2014 e estabelece um contraponto com sua própria pesquisa com cuidadoras imigrantes na Itália e o trabalho doméstico no Brasil. Molinier se debruça na compreensão das relações de poder étnico-raciais e de gênero entre residentes (idosos dependentes), equipe técnica e cuidadoras que convivem em instituições de longa permanência em Paris, França. Sua observação foi de que quem cuida são em sua maioria mulheres negras ou latinas enquanto quem é cuidado nestas instituições são na sua maioria mulheres brancas. Além disso, a psicóloga pretende neste artigo compreender qual o significado do cuidado enquanto metodologia científica e o tipo de responsabilidade que isso implica. Seguindo a linha de percepção exposta por Molinier, Debert pensa o cuidado como uma força de trabalho feminina, imigrante, negra e latina explorada pelo mercado de consumo com a justificativa de que essas mulheres desempenham o papel do cuidado de forma natural e intuitiva, como se tivessem sido “feitas para isso”.

Em *Arenas de conflito*, a antropóloga atribui à dependência a maior problemática existente em relação ao envelhecimento da população, superando até mesmo os altos gastos com aposentadorias (DEBERT, 2014, p. 36). Desta forma, qualquer pessoa que seja dependente (alguns idosos, bebês e crianças, algumas pessoas com deficiência, pessoas com

saúde debilitada, entre outras) necessita de apoio e assistência pessoal, fazendo com que o trabalho de cuidar (seja de idosos, crianças, das roupas, alimentação, da casa) se torne essencial e cada vez mais requerido, haja visto o aumento da população de idosos no mundo todo<sup>4</sup>. A dependência ainda acirra as questões étnicas, raciais, nacionais e hierárquicas dentro das instituições de longa permanência para idosos ou até mesmo nos cuidados domésticos dessa faixa da população ao invés de operar através da solidariedade, como se pensaria em um grupo quase que exclusivamente feminino.

A solidariedade e o amor dedicado aqueles de quem se cuida não são medições suficientes para designar a alguém esse trabalho. Pelo contrário, o que Guita percebe em sua pesquisa em Bolonha é que as cuidadoras latinas, mais acolhedoras, comunicativas e empáticas foram prontamente substituídas por mulheres vindas do Leste Europeu. As mulheres latino-americanas passaram por uma expulsão que pode ser classificada como étnica e racial e foram substituídas por mulheres do Leste Europeu que têm níveis educacionais muito mais altos, mais experiência no tratamento de idosos e, sobretudo, são mais velhas. Essa última vantagem era prontamente justificada pelo fato destas não precisarem se ocupar de filhos pequenos, não procurarem namorados, não irem a festas e, portanto, estarem mais disponíveis para o trabalho de cuidado (DEBERT, 2014, p.37). A escolha de uma cuidadora recai muitas vezes nos estereótipos culturais que não levam em conta a historicidade das relações sociais e reproduzem modelos arcaicos de trabalho que constituíram e mantêm o capitalismo, limitando a mobilidade dos trabalhadores, substituindo-os por outros que aceitam a baixa remuneração e os trabalhos que ninguém mais quer fazer. Redesenhando as paisagens das metrópoles do norte global, jovens imigrantes vivem em completa insegurança e ainda são taxados como potenciais terroristas e criminosos.

Entretanto, de uma coisa temos certeza: para tratar da visibilidade que essa dupla de indesejáveis – velhos e imigrantes – ganha nos espaços públicos e privados da vida urbana, redefinindo estilos de gerir a dependência, é preciso reelaborar a categoria mulher. É preciso fazer o esforço de compatibilizar as críticas ao essencialismo em suas diversas formas – humanismo, universalismo, racionalismo – com a formulação de um projeto político feminista, no qual a interseccionalidade não seja incongruente (DEBERT, 2014, p.43).

---

<sup>4</sup>Acesse: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27878-com-envelhecimento-cresce-numero-de-familiares-que-cuidam-de-idosos-no-pais>



Em *Desafios do Cuidado*, as antropólogas GuitaGrin Debert e Mariana Marques Pulhez escrevem a apresentação de uma coletânea organizada por elas intitulada *Desafios do cuidado: Gênero, Velhice e Deficiência*, com segunda edição publicada pela Unicamp/IFCH em 2019. Reunindo 5 artigos de autores internacionais e com traduções inéditas para o português, essa coletânea explora a problemática do cuidado a nível global. As organizadoras em sua apresentação da obra, debruçam-se sobre a história do cuidado no Brasil, utilizando para isto estudos realizados dentro e fora do país desde a década de 1980, momento em que os índices de envelhecimento da população começou a crescer. Naquela década, o cuidado era visto como um caminho de mão única onde o cuidador exercia direitos e estava em uma posição hierárquica acima da pessoa cuidada, que era considerada incapaz e destituída de direitos. Em meados da década de 1990, o cuidado passou a ser percebido como uma questão que deveria ser englobada pelo Estado. Quem é o cuidador passa a ser objeto de investigação e as diferenças étnicas, raciais, nacionais, de sexo, classe social e até idade começaram a ser percebidas. O estresse do cuidador que na década anterior era o motivo das preocupações investigativas sobre o cuidado e definia este como algo negativo passou a ser considerado positivo na medida que abriu um mercado de trabalho remunerado que antes não existia, assim como possibilitou a abertura de espaços públicos destinados ao cuidado. Estado, sociedade civil e mercado partiram a andar juntos na construção do que deveria ser institucionalizado em relação ao cuidado (DEBERT; PULHEZ, 2019, p.5,6).

Nas décadas que iniciam o século XXI, os estudos notam um movimento de consolidação dos entendimentos sobre o cuidado, que anda no limiar entre público e privado, trabalho remunerado e não remunerado, informal-formal. Ele passa a ser percebido para além dos estudos sobre a deficiência, expondo a necessidade de expandir e criar conceitos que possam ampliar os horizontes da nossa compreensão sobre o trabalho de cuidar. “Desta perspectiva, a própria palavra *cuidado* deveria ser evitada, dado o conteúdo emocional envolvido nas análises, que inibe projetos emancipatórios e de autodeterminação de pessoas cuidadas” (DEBERT; PULHEZ, 2019, p. 7).

Para isso, a autora se apropria do termo *care* (cuidado em inglês), que possui um significado mais amplo (cuidado, atenção, solicitude em relação aos outros e empatia) e denota a ação – engloba não só o cuidador de idosos, mas todos os trabalhos e trabalhadores que se dedicam ao *care*, como empregadas domésticas, babás, diaristas, acompanhantes e técnicas em enfermagem. Pulhez e Debert, ainda na introdução da coletânea referenciada



acima, exploram as dimensões iluminadas pelos estudos do *care* e discorrem brevemente sobre “ética, gênero e a crítica aos essencialismos, a cadeia global de cuidados na sua relação com a velhice e a imigração, o trabalho e o investimento emocional, a democracia e a dependência” (DEBERT; PIULHEZ, 2019, p.8).

Guita e Mariana apontam os essencialismos pelos quais a ética do cuidado construiu seu discurso em meados dos anos 1980. Esse discurso pautado no feminismo das diferenças diz que o homem que racionaliza e estrutura sua ética da justiça em questões abstratas é diferente da mulher que desenvolve sua racionalidade naquilo que é material e estrutura sua ética do cuidado em questões existentes no presente, que são as necessidades de si e dos outros. O feminismo, assim como o movimento de pessoas com deficiência, enxerga uma enorme problemática nesse discurso que além de universalizar e essencializar as mulheres, reitera o capacitismo e torna o cuidado um instrumento de dominação. Porém, infelizmente, ele ainda é presente ativamente em nossa sociedade (DEBERT; PULHEZ, 2019, p. 7-9). Foram os movimentos de mulheres negras e lésbicas, que não se sentiam representadas pela categoria mulher universal, os responsáveis por desvincular os estudos de gênero dos binarismos estruturais masculino e feminino e por modificar as percepções sobre o cuidado, na medida que o *care* deixou de ser atrelada somente às mulheres e a participação dos homens nesse processo também passou a ser alvo de investigações das ciências humanas (DEBERT; PULHEZ, 2019, p.12).

A força de trabalho que se ocupará do cuidado com os idosos é uma outra problemática envolvendo o aumento da longevidade e o decréscimo das taxas de natalidade em todo o mundo, tanto que é um dos temas tratados com bastante atenção por Guita. Segundo ela, ao mesmo tempo que a resposta para essa questão está nos deslocamentos migratórios de milhares de jovens do sul para o norte global, há um massivo movimento internacional visando restringir cada vez mais a entrada de estrangeiros. Não só os idosos movimentam esse mercado global dos cuidados: “se, antes era a exploração de bens e matérias-primas que marcava a empresa colonial, hoje é o cuidado, o amor e o carinho para com as crianças e os idosos que dão novas configurações ao trânsito internacional de pessoas.” (DEBERT; PULHEZ, 2019, p.14). As políticas emancipatórias conquistadas pelos movimentos feministas nas economias desenvolvidas desconfiguram o papel da *esposa-mãe-*



*dona-de-casa*<sup>5</sup>, fazendo com que o trabalho de *care* seja cada vez mais requisitado. Para Guita, que estudou as *banditi* (como os italianos chamam as cuidadoras de idosos) em Bolonha, Itália, o processo migratório global não é somente uma reprodução contemporânea do trabalho escravo (haja visto que os imigrantes aceitam trabalhos de baixo status e mal remunerados, sofrem insegurança por sua ilegalidade e xenofobia), mas também lida com subjetividades mil, pois para muitas mulheres, o *care* é a única agência possível e disponível nesse status de imigrante, além de ser responsável pela melhora na qualidade de vida dessas pessoas.

Todavia, trabalhar com o cuidado não se restringe a uma habilidade que pode ser adquirida apenas com formação acadêmica, pois não se trata de um trabalho operacional, industrial. A interação entre quem cuida e quem é beneficiado pelo cuidado é essencial e exige doação, dedicação, carinho e empatia, características que sempre foram atreladas às atividades inerentes às mulheres (como cuidar da casa, do casamento, dos filhos e de si mesma) e nunca foram dignas de remuneração. Encarar o cuidado e a doação emocional e física como trabalho é outro dos grandes desafios do *care*, já que sempre foi visto como a marca central da opressão da mulher. Além disso, essas interações necessárias são produzidas através das desigualdades de raça, gênero, geração, etnia e classe que mantêm as relações de poder já conhecidas. (DEBERT; PULHEZ, 2019, p.18 *apud* SOARES, 2012, p.48).

Portanto, para além de problematizar as novas configurações do trabalho no mundo contemporâneo promovidas pelo *care* é preciso também politizar esse debate e ver como a dependência impacta os valores centrais do ideal democrático. Para tornar o cuidado um valor democrático é preciso reconhecer nossa dependência e a dependência de cada um. Precisamos admitir que todos nós somos vulneráveis. Publicado no segundo semestre de 2021 pela revista de divulgação científica *Coletiva*, o artigo intitulado *A invisibilidade do cuidado e os direitos do cuidador* de Guita Grin Debert e Amanda Marques de Oliveira explora o desafio de politizar o cuidado.

Esse desafio se agiganta diante do envelhecimento da população, da pouca disponibilidade e eficiência de serviços públicos, da conjuntura de crise econômica que, entre outras questões, transformaram a dependência num risco social e a questão do cuidado numa preocupação política. (DEBERT; OLIVEIRA, 2021, p. 4).

---

<sup>5</sup> Esses papéis estão alinhados com o que a historiadora francesa Michelle Perrot compreende por *esposa, mãe e donadecasa* em *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro, São Paulo. Ed. Paz e Terra, 7ª ed., 2017.





As autoras percorrem a história do feminismo e do cuidado no Brasil remetendo ao “culto à domesticidade” que surgiu no século XIX e foi responsável por criar conceitos como o cuidado, que além de ser atribuído às mulheres, é, para a parcela com maior poder aquisitivo da sociedade, uma atividade realizada por mulheres que estão na base da pirâmide social, transformando esse trabalho, mesmo que remunerado, em algo “invisível, mitificado e opressivo”(DEBERT; OLIVEIRA, 2021, p.2). As autoras fazem ainda uma breve análise da pandemia da covid-19 no Brasil e mostram que o cuidado e a dependência são questões inegáveis até então negligenciadas pela sociedade brasileira, muito pelo discurso neoliberal e capitalista que prega uma vida livre e autônoma na velhice.

Esta como uma questão social e o idoso como um novo ator político são frutos, segundo Debert, da expansão do capital para áreas não mercantilizadas até meados da década de 1970, o que acarretou a reelaboração das concepções acerca do corpo e da saúde (DEBERT, 1999). Essa redefinição foi responsável por uma associação da saúde com a aparência física e da atribuição das doenças enfrentadas pelos idosos aos seus estilos de vida, estigmatizando aqueles que não foram capazes de promover sua própria saúde ao longo dos anos e atribuindo culpa e responsabilidade total aos indivíduos por suas vidas, quando sabemos que os acessos aos recursos que permitem à vida prosperar de forma saudável não são iguais para todos.

Com a pandemia, foi possível perceber que essa falsa autonomia depende de um conjunto de indivíduos que se ocupam da nossa vida cotidiana, mostrando a urgência de colocar essas duas questões no centro dos debates políticos, econômicos e sociais do nosso país. Com isso, a gestão e politização do cuidado com os idosos faz de sociólogos, antropólogos, cientistas políticos, historiadores e psicólogos até gerontólogos, geriatras, economistas e cientistas de dados os principais responsáveis por conferir ao tema a relevância e urgência que ele pede e muito pode ser apreendido sobre esses temas a partir da leitura das pesquisas publicadas por essa antropóloga tão cuidadosa e criteriosa ao explorá-los que é Guita Grin Debert.

## **Referências**

DEBERT, G.G. **A Reivenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.



DEBERT, G.G. **Arenas de conflito em torno do cuidado**. São Paulo: Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v.26, nº1, 2014.

DEBERT, G.G.; PULHEZ, M. M. **Desafios do cuidado: gênero, velhice e deficiência**. Campinas, São Paulo. Unicamp/IFCH, 2ª ed. 2019.

DEBERT, G. G.; OLIVEIRA, A.M. **A invisibilidade do cuidado e os direitos do cuidador**. Recife. Coletiva, n. 29 Coletiva. Jan-abri, 2021.

DOLL, J. **Entrevista com Guita Grin Debert**. Porto Alegre. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, v. 7, 2005, p. 101-116.

ORLANDI, A. **Entrevista com Guita Grin Debert: as várias fases do feminino**. Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, ed. 331, set. 2023, p.22-27.

MOLINIER, P. **Cuidado, interseccionalidade e feminismo**. São Paulo. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v.26, nº1, 2014.